AVALIAÇÃO CRÍTICA DO REINADO DE MANASSÉS
"Abandonarei o resto da minha propriedade" (2Rs 21,14)

Matthias Grenzer

É interessante observar como o Antigo Israel refletiu sobre a sua história. Todo o entusiasmo por seu Deus, por sua terra e por seu povo não impediu que os autores bíblicos avaliassem de um modo crítico as diferentes experiências no caminho histórico e seus personagens centrais. "Israel nunca caiu na loucura de negar suas falhas ou disfarçá-las. Nem glorificou suas origens e nem mistificou sua história" (Zenger, 172). Os *Livros Históricos* são marcados por essa perspectiva. Não são historiografia no sentido de relatar apenas a cronologia de acontecimentos históricos, mas interpretação e avaliação crítica da história a partir da fé. Dessa forma, os Livros Históricos assumem um caráter profético e são instrutivos para as gerações futuras. São como museus modernos que querem ensinar algo ao visitante; o interesse documentário está em segundo plano.

Faço a leitura de um texto do segundo livro dos Reis: 2Rs 21,1-18, onde é apresentado e avaliado o reinado do rei Manassés.

1. Tradução do texto hebraico

(1) Manassés tinha doze anos quando se tornou rei, e reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Hafsibah.

(2) Ele fez o mal aos olhos do Senhor conforme as abominações das nações que o Senhor havia desapossado diante dos filhos de Israel. (3) Ele voltou e construiu os lugares altos que Ezequias, seu pai, havia destruído. Ergueu altares a Baal e fez uma Asherá, como fizera Acab, rei de Israel. Prostrou-se diante de todo o exército do céu e serviu-lhe. (4) Construiu altares na casa do Senhor, da qual o Senhor dissera:

"Em Jerusalém colocarei o meu nome".

(5) Construiu altares para todo o exército do céu nos dois pátios da casa do Senhor. (6) Fez passar seu filho pelo fogo. Praticou feitiçaria e praticou adivinhação. Instituiu necromantes e adivinhos. Multiplicou o que é mau aos olhos do Senhor, de modo a provocá-lo. (7) Instalou a imagem de Asherá que fizera na casa, da qual o Senhor dissera a David e a Salomão, seu filho:

> *"Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi entre todas as tribos de Israel, colocarei o meu nome para sempre. (8) Nunca mais deixarei vaguear o pé de Israel longe da terra que dei a seus pais, contanto que eles se empenhem em*

praticar tudo o que lhes ordenei, de acordo com toda a instrução que meu servo Moisés lhes ordenou".

(9) Eles, porém, não escutaram. Manassés os seduziu para fazer o mal ainda mais do que as nações que o Senhor exterminara diante dos filhos de Israel. (10) Então o Senhor falou por intermédio dos seus servos, os profetas, dizendo:

> *(11) "Porque Manassés, rei de Judá, fez essas abominações, praticando um mal maior do que fizeram antes dele os emoritas, e porque também induziu Judá a errar com os seus ídolos, (12) por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel: Eis que deixo vir uma desgraça sobre Jerusalém e Judá, de modo que vibrem os dois ouvidos de quem escuta dela. (13) Estenderei sobre Jerusalém o cordão de Samaria e o nível da casa de Acab. Limparei Jerusalém como se limpa uma tigela: limpa-se e vira-se para baixo. (14) Abandonarei o resto da minha propriedade e o darei nas mãos dos seus inimigos. Servirão de despojo e de pilhagem para todos os seus inimigos, (15) porque fizeram o mal a meus olhos e me provocaram, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje".*

(16) Manassés também derramou sangue inocente. Ele fez isso tão freqüentemente que encheu Jerusalém de um lado a outro, sem falar do seu pecado de induzir Judá a errar, para fazer o mal aos olhos do Senhor.

(17) Os demais atos de Manassés, tudo o que fez, o (seu) pecado que cometeu, não estão esses escritos no livro dos Anais dos reis de Judá? (18) Manassés adormeceu junto de seus pais e foi sepultado no jardim de sua casa, o jardim de Uzá, e seu filho Amon tornou-se rei em seu lugar.

2. Rei sob o domínio assírio

Os v. 1.17-18 dão as notícias cronológicas. Dos reis da dinastia de Davi, que governaram mais do que quatro séculos em Jerusalém (1004?-587/6 aC, o reinado de cinqüenta e cinco anos de Manassés teve a maior duração. Subiu ao trono no início do século VII aC (698?) para reinar até o ano 642 (cf. a datação dos dinastas em Cogan e Tadmor, 341-343).

As fontes para o conhecimento de Manassés são, em primeiro lugar, os livros dos Reis e das Crônicas que devem ser analisados tendo em vista o seu caráter literário-teológico: cf. 2Rs 21,1-18; 23,26-27; 24,3-4; 2Cr 33,1-10. Além das referências bíblicas, Manassés aparece em dois documentos assírios. A primeira vez, seu nome é mencionado entre vinte e dois reis num texto (prisma A) da época do rei Asaradon (681-669):

> *"Eu mobilizei os reis de Hatti e do Além-Eufrates* (literalmente: *do outro lado do rio*): *Ba'llu, rei de Tiro, Manassés, rei de Judá, ..., juntos vinte e dois reis de Hatti, da costa do mar e das (ilhas) no meio do mar, e dei-lhes ordens para transportar... sob grandes dificuldades o que foi necessário para meu palácio em Nínive, a cidade do senhor"* (Cogan e Tadmor, 339).

Uma segunda vez, o nome de Manassés encontra-se num documento (prisma C) do rei Assurbanipal (669-627). Novamente, Manassés é lembrado entre vinte e dois reis vassalos que deram apoio ao rei assírio na conquista do Egito (cf. Borger, 397).

Já fazia tempo que a força do império neo-assírio dominava o Oriente Próximo. O reino do Norte, Israel, separado de Judá desde a morte do rei Salomão em 928, provavelmente, começou a pagar tributos à Assíria em 841 aC. A estela de Tell al-Rimah do rei assírio Adadnirari III (811-783) (cf. Cogan e Tadmor, 335) menciona *"o tributo de Joás de Samaria"*, rei de Israel (800-784). A situação agravou-se com a subida de Teglat-Falasar III ao trono da Assíria (745-727). Depois de campanhas militares na Síria Central, em 738, vários Estados "apressaram-se a pagar contribuições ao grande rei assírio e a assegurar-lhe a sua submissão" (Donner, 350). A estela de Irã (cf. Cogan e Tadmor, 335) lembra *"Manaém de Samaria"*, rei de Israel (747-737), como um dos tributários. A história de Israel aproximou-se de seu fim quando Facéia (735-732) e o rei arameu Rasin, vizinho setentrional, formaram uma coalizão antiassíria. No momento em que reuniram as suas forças contra Judá para obrigar o rei Acaz (743-727) a participar da coalizão, este pediu ajuda a Teglat-Falasar III. A reação do rei assírio trouxe graves conseqüências para Israel: invasão militar (733), redução do território à região de Efraim, anexação da Galiléia e de Galaad à Assíria, deportação da classe alta e substituição dela por estrangeiros. O rei Facéia foi vítima de uma *conspiração* (2Rs 15,30) ou *exilado* (inscrição sumária de Teglat-Falasar III, cf. Cogan e Tadmor, 335). Os assírios confirmaram Oséias (732-724) "como dinasta-vassalo dependente do Estado truncado" (Donner, 354). Uma nova conspiração em 724 significou o fim definitivo de Israel. O rei assírio Salmanasar V *invadiu toda a terra e pôs cerco a Samarra durante três anos* (2Rs 17,5). Em 722, Israel foi transformado na província assíria de Samaria. Na inscrição do prisma A (cf. Cogan e Tadmor, 336), Sargon II, rei da Assíria (722-705), vangloria-se de ter *"contado como despojo 27.280 pessoas junto com suas carruagens e os deuses nos quais confiaram"*. Do reino de Davi e Salomão, apenas o reino do Sul, Judá, sobrou agora como *resto*.

Qual foi a sorte de Judá perante o poder do império neo-assírio? É provável que Judá começou a pagar tributos a partir de 738 (veja os argumentos de Donner, 350s). De certo, Acaz tornou-se vassalo em 734, chamando a ajuda de Teglat-Falasar III contra Aram e Israel. O primeiro grau de vassalagem previa o pagamento de "tributos regulares, na maioria das vezes anuais, e, dependendo das circunstâncias, exigência de tropas auxiliares" (Donner, 342). Seguiu-se um período de relativa tranqüilidade por Acaz e seu sucessor Ezequias (727-698) não terem se envolvido em revoltas contra a Assíria. Isso mudou depois da morte de Sargon II. Em 705 aC, Ezequias encabeçou uma revolta contra a Assíria. "Os aliados suspenderam, de comum acordo e de uma só vez, os tributos ao grande rei" (Donner, 369). Por problemas em outras regiões, o novo rei assírio Senaquerib (705-681) dirigiu-se apenas em 701 a Judá. A inscrição no prisma de Rassam (Cogan e Tadmor, 337-338) documenta a catástrofe sofrida por Judá:

"Em vista de Ezequias, o Judaíta, que não se submeteu ao meu jugo, eu cerquei 46 de suas cidades fortificadas e os inúmeros vilarejos em redor delas. Usando rampas sólidas e empregando aríetes, ataques da infantaria e túneis, armas carregadas pela culatra e máquinas de cerco, conquistei-os. Exilei 200.150 pessoas, jovem e velho, homem e mulher, cavalos, mulas, jumentos, camelos, gado e ovelhas sem número, e contei-os como despojo. Ele próprio, fechei-o em Jerusalém, sua cidade real, como um pássaro na gaiola".

O território do rei de Judá estava reduzido à cidade de Jerusalém. Em vista do reino de Davi, do *resto* Judá tinha sobrado apenas um *resto*. Ezequias submeteu-se novamente ao rei assírio e tinha que pagar um tributo mais alto (cf. 2Rs 18,14-16). Não se sabe exatamente a razão de Senaquerib não ter insistido na conquista de Jerusalém, na troca do dinasta e na diminuição definitiva do território de Judá, o que se previa no caso de um Estado voltar a conspirar. Os autores bíblicos interpretaram o fato de o rei assírio ter levantado o sítio de Jerusalém como salvação milagrosa realizada pelo *Anjo do SENHOR* (cf. 2Rs 19,35-36; 2Cr 32,21-22; Is 37,36-38). Talvez Senaquerib tivesse interesse em manter vivos alguns Estados nessa região como pára-choques, principalmente em relação ao Egito (cf. Donner, 374).

Foi nessas circunstâncias de domínio assírio que Manassés subiu ao trono de Judá (698-642). Uma nova tentativa de revolta teria significado a aniquilação do Estado de Judá e a transformação dele numa província assíria, como no caso de Israel em 722. Portanto, Manassés praticamente apenas podia submeter-se à condição de vassalo de Assur pagando os tributos exigidos (cf. os textos de Asaradon e Assurbanipal vistos acima).

3. Obrigado a seguir a religião estrangeira?

É interessante observar que o texto de 2Rs 21,1-18 não discute a submissão de Manassés ao poder assírio ou o pagamento dos tributos. Não existia a possibilidade de fugir da imposição violenta e da política expansionista dos assírios. O império neo-assírio estava chegando ao seu auge. Em 671, Asaradon conquistou até o Egito. A Assíria começou a enfraquecer (cf. a perda do Egito em 655), quando Manassés já estava no fim do seu governo.

A crítica de 2Rs 21 a Manassés insiste em um outro assunto: a sua atitude e política religiosa. O rei *voltou a construir lugares altos* (v. 3a), *ergueu altares a Baal e fez uma Asherá* (v. 3b), *prostrou-se diante de todo o exército do céu e serviu-lhe* (v. 3c), *construiu altares para todo o exército do céu nos dois pátios do Templo do Senhor* (v. 4.5), *instalou a imagem de Asherá no Templo* (v. 7), *fez passar seu filho pelo fogo* (v. 6a), *praticou feitiçaria e adivinhação* (v. 6b) e *instituiu necromantes e adivinhos* (v. 6c). Com tudo isso, *induziu e seduziu Judá a errar com os seus ídolos* (v. 11.9.16).

É possível que as antigas divindades cananéias *Baal* e *Asherá* representem agora divindades assírias como Ashur e Ishtar (cf. a discussão de Donner, 377-386), porém o texto não fornece indícios claros para essa afirmação. "Não há nada de particularmente mesopotâmico. Os textos bíblicos são por demais genéricos. Não permitem uma identificação definitiva dos deuses cananeus com os deuses astrais da Assíria" (cf. Cogan e Tadmor, 266). Em todo caso, a crítica a Manassés deixa claro que a crise provocou uma restauração da crença nos deuses dos povos vizinhos, assim como dos cultos e das práticas ligados a eles.

Manassés é visto como responsável por essas mudanças. "Não há nenhuma evidência de que a Assíria exigiu adesão a práticas religiosas assírias ou interferiu em qualquer sentido nos cultos originários dos seus vassalos. Nenhum tratado assírio de vassalagem contém cláusulas que se referem a assuntos de culto" (Cogan e Tadmor, 272). A situação desastrosa fez Manassés e a população, o *resto*, perderem a esperança no Deus da história do seu povo. Com isso, Manassés não seguiu o caminho do seu pai Ezequias, que tinha tentado uma reforma religiosa no sentido contrário (cf. 2Rs 18,4-6).

4. O resto abandonado

Os Livros Históricos, especialmente a obra do deuteronomista nos livros Js–2Rs, são teologia da história. Nela, a história de Israel é refletida como conduzida por Deus. A revelação fundamental desse Deus aconteceu no Êxodo: *O Senhor nos fez sair do Egito..., nos fez chegar a este lugar e nos deu esta terra* (Dt 26,8-9). O Êxodo é "lembrança normativa e critério histórico-teológico para a avaliação das diversas experiências na história de Israel" (cf. Zenger, 1995, 126).

O Êxodo também é o pano de fundo para a avaliação do governo de Manassés em 2Rs 21,1-18. A política religiosa desse rei, que deu continuação ao comportamento da maioria dos seus antecessores, é avaliada como abandono do Deus Libertador. Em vista disso, o autor sentiu-se motivado a um desabafo geral. Olhando mais do que meio milênio, a história de Israel sempre foi uma *provocação* ao Deus do Êxodo, *desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje* (v. 15). O povo não se preocupou com a *instrução que Deus lhes tinha ordenado através de Moisés* depois da saída do Egito (cf. v. 8), mas abandonou a fé dos antepassados e o instrumento que podia ter ajudado na construção de uma sociedade justa e na preservação da liberdade recebida no Êxodo. Porém, *Israel e Judá deixaram-se induzir pelos reis a errar com os ídolos das outras nações* (cf. v. 11). Em estilo profético, com a apresentação de um juízo divino (v. 10-15), o leitor é alertado sobre as conseqüências desse caminho: *Abandonarei o resto da minha propriedade*.

O substantivo *resto* aparece em 1/2Rs apenas três vezes e ajuda a formar um contraste entre os reis Ezequias (727-698) e Manassés (698-642). A avaliação de Ezequias pelo deuteronomista é positiva. Realizando certas reformas religiosas, este *pôs a sua confiança no Senhor, Deus de Israel* (cf. 2Rs 18,3-5). Quando Jerusalém foi cercada pelo exército assírio, Ezequias, o *pássaro na gaiola*, pediu a Isaías *fazer uma prece a favor do resto* (2Rs 19,4). O profeta lhe formulou uma palavra de esperança: *De Jerusalém sairá um resto, e do monte Sião, sobreviventes. O zelo do Senhor*

dos exércitos fará isto (2Rs 19,31). O *resto*, sendo "sinal da fidelidade de Deus, de sua misericórdia e do seu perdão, acima da necessidade do juízo" (Wildberger, 849), garantiria ao povo inteiro um futuro. Manassés, por sua vez, através de uma política religiosa contrária àquela do seu pai, colocou a esperança do *resto* novamente em risco. Trata-se de um *resto abandonado*, imagem de caminho errado e impossibilidade de salvação. Abandonando o Deus do Êxodo na crise, Manassés e o povo perderam aquele que poderia garantir novamente a libertação e ser motivo de esperança para um futuro melhor.

Matthias Grenzer
Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI
Caixa Postal 400
Mogi das Cruzes, SP
08701-970

Bibliografia

BORGER, Rykle, HINZ, Walther e RÖMER, Willem H. Ph. *Historisch-chronologische Texte I.* Texte aus der Umwelt des Alten Testaments I/4, Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus 1984.

COGAN, Mordechai & TADMOR, Hayim. *II Kings. A New Translation with Introduction and Commentary*. The Anchor Bible 11. Nova Iorque: Doubleday 1988.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes 1997, vols. 1 e 2.

WILDBERGER, Hans. s'r übrig sein. In: JENNI, Ernst & WESTERMANN, Claus. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Band II. 3ª ed. München: Christian Kaiser 1984.

ZENGER, Erich. *Ich will die Morgenröte wecken. Psalmenauslegungen*. Freiburg im Breisgau: Herder 1991.

ZENGER, Erich et alii. *Einleitung in das Alte Testament*. Studienbücher Theologie 1,1. Stuttgart: Kohlhammer 1995.